

Comunicação, Memória e Identidade: a constituição de uma comunidade de cultura germânica no ABC Paulista¹

Mariana Lins Prado²
Priscila F. Perazzo³

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

Resumo

Essa pesquisa trata de grupos de imigrantes e descendentes que falam alemão e que se estabeleceram, ao longo do século XX, na região do ABC Paulista. Aborda a comunicação da cultura germânica a partir das expressões da memória da comunidade, tendo por objetivo identificar as possibilidades de comunicação da cultura acionados pela memória das pessoas. A língua alemã teve papel de mediadora entre a cultura e a comunicação de hábitos e costumes e as instituições fizeram o papel de meios dessa cultura, permitindo a organização de uma comunidade de cultura alemã na região do ABC Paulista, contribuindo para a formação da localidade e seu desenvolvimento regional. Utilizou-se a metodologia das Narrativas Oraís de Histórias de Vida dos sujeitos da história.

Palavras-chave: comunicação; cultura; memória; identidade; língua.

Texto do Trabalho

Essa pesquisa trata de grupos de imigrantes e descendentes que falam alemão e que se estabeleceram, ao longo do século XX, na região do ABC Paulista, a partir de um processo migratório ocorrido após a Primeira Guerra Mundial. Tem como tema os processos de comunicação da cultura a partir das expressões da memória das pessoas. Questiona os hibridismos culturais que foram possíveis no interior desses grupos, tendo a língua alemã papel fundamental de mediadora entre a cultura e a comunicação de hábitos e costumes. Assim, tem por objetivo identificar as possibilidades de comunicação da cultura acionadas pela memória da comunidade que se forma nessa localidade. A metodologia

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Letras, com habilitação em Língua Alemã, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Essa pesquisa contou com apoio da Bolsa Capes-DS. Email: marianalins.9@gmail.com

³ Doutora em História Social. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), email: prisperazzo@ig.com.br

privilegia as Narrativas Oraís de Histórias de Vida, termo utilizado para definir os relatos pessoais, contados oral e espontaneamente pelos próprios sujeitos da história (PERAZZO, 2015), disponíveis para a consulta no HiperMemo – Sistema Hiper mídias de Memórias da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, autorizadas pelos próprios depoentes, colaboradores, entrevistados. As narrativas oraís de sujeitos dessa história remetem-se às suas atividades, experiências, anseios, desejos e imaginários, ratificando a língua como fator primordial da questão cultural. Os trânsitos entre as línguas portuguesa e alemã, as possibilidades de apropriação, as interdições e as transformações podem nos levar aos processos de comunicação de cultura, tanto no sentido de preservação e difusão, como no sentido de sobrevivência de grupos de origem estrangeira na elaboração de suas identidades na região do ABC Paulista, formada, ao longo do século XX por diferentes e diversas nacionalidades.

Memória e Identidade: a formação de uma comunidade de cultura germânica

O início da imigração germânica para o Brasil data do século XIX e é, de maneira geral, dividida em três grandes períodos, conforme descreve Santana (2009). Não por acaso, em 1824 desembarcaram famílias de agricultores e camponeses. O fracasso das revoluções de 1848 e 1849 gerou uma segunda leva, que chegou ao país em meados do século XIX. Já as crises do começo do século XX provocaram uma terceira onda, composta por artesãos e operários.

O século XIX foi um período de profundas transformações políticas, econômicas e sociais para a Europa. No caso da Alemanha, especificamente, Gregory (2000) lembra a unificação do estado, em 1870, a Guerra Franco-Prussiana, o capitalismo industrial e a consequente dissolução do sistema feudal, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor. A introdução da máquina na economia europeia gerou impactos diretos sobre a vida dos camponeses e artesãos. Eles ficaram

impossibilitados de concorrer diretamente com as modernas máquinas que, pouco a pouco, substituíam sua força de trabalho, muitos artesãos sentiram na pele a ruína financeira e o desemprego. Tendo como alternativa a emigração, partiam em grandes grupos rumo às Américas do Sul e do Norte, numa tentativa desesperada de engrossar as fileiras do proletariado artesão, que rapidamente surgiam nos centros urbanos alemães (SIRIANI, 2003, p. 29).

É difícil, porém, precisar dados sobre a imigração alemã. Gregory (2000) lembra que, no século XIX, as estatísticas eram ainda bastante precárias. Em especial aquelas relacionadas à Alemanha, num período tão conturbado. Outro fator que compõe a

complexidade deste cenário é que muitos dos grupos emigrados, “embora falassem alemão, não eram originários da Alemanha recém-unificada.” (GREGORY, 2000, p. 143).

Na região do ABC, o que se vê é justamente essa diversidade de nacionalidades imigrantes que falam a língua alemã. Sabe-se que o primeiro registro que se tem de um colono alemão é em São Caetano do Sul. Não se sabe a data precisa em que Hermann Juncker chegou à cidade, mas há estudos que apontam que os colonos italianos que ali viviam se lembravam de “Germano Juncker”, como Hermann era conhecido no Núcleo Colonial de São Caetano do Sul. Talvez já morasse na região quando os italianos chegaram em 1877 (MARTINS, 1992, p. 77).

Desde então, a região passa a receber estrangeiros e descendentes de diversas nacionalidades. No entanto, tratamos aqui de histórias de pessoas que chegaram à região mais recentemente. Há um forte crescimento na emigração alemã para o Brasil durante a década de 1920 – motivado, essencialmente, pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, finalizada em 1918. Muitos dos colaboradores entrevistados para essa pesquisa relatam estas passagens de seus antecedentes, trajetos essenciais para que os destinos dessas pessoas os dirigissem em algum momento de suas vidas para a região do ABC. São eles: Antonio Laefort Filho, cujo pai chegou em 1922 e, em 1924, a mãe. Frida Schmidt é tia de Gertrudes Dal Pos, filha de seu irmão emigrado em 1921. Pedro Pilo é filho de imigrantes que se casaram no Brasil em 1925. Os avós de Luise Babisch se estabeleceram em 1924. Marta Wachtler chegou em 1926, Miguel Zvonimir chegou em 1930 e Marta Erika chegou com a mãe viúva em 1934.

Na voz de Frida Schmidt ouvimos:

Eu sou filha de imigrantes austríacos que imigraram aqui pro Brasil no ano de 1921, por causa da Primeira Guerra Mundial. Eram treze famílias austríacas, entre elas o meu falecido pai, o meu irmão, e minha mãe. Em 1921, chegaram na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. (...) Quem passou a guerra na Europa não quer nunca mais passar (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

E também de Marta Erika...:

Meu tio, o Klein, que tinha um frigorífico na Vila Gilda [em Santo André]. Ele veio em 1925, porque depois da Primeira Guerra Mundial, na Alemanha estava uma recessão de tudo, e todo mundo sem serviço, e todo mundo sem dinheiro e coisa tal (23/09/2011, HiperMemo/USCS).

Ou ainda Pedro Pilo, cujos pais eram habitantes de uma região pertencente à antiga Iugoslávia:

Meu pai veio em 1924. Minha mãe veio em 1925. Lá não dava mais. Então vieram pro Brasil. Conseguiram sair de lá e vir pro Brasil. (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Já o relato de Miguel Zvonimir Krouman, também todo permeado pela guerra, tem nuances religiosas, além de caráter político. Sua região de origem corresponde, atualmente à Croácia, no leste europeu:

Minha mãe foi embora, acredito eu, porque em 1917 surgiu o comunismo na Europa e ela era tão católica, coitadinha... Era muito católica e os padres falavam do comunismo como se fosse um dragão que ia comer as pessoas, né? (...) Os fiéis ficavam com medo. E minha mãe sempre dizia, quando nós estávamos no Brasil, que Deus mandou ela para o Brasil. Porque eu tinha uma tia nos Estados Unidos, uma irmã da minha mãe, que já estava há algum tempo lá e já tinha propriedades. Ela mandou documentação para nós, garantindo a nossa ida para os Estados Unidos. Minha mãe não quis ir, veio para o Brasil (27/11/2007, HiperMemo/USCS).

Os personagens cujas narrativas compõem esse artigo são moradores da região do ABC Paulista e fazem parte da terceira leva de imigrantes. Pessoas cujos pais vieram ao Brasil na década de 1920, chegando ao país ainda crianças ou mesmo nascendo em território brasileiro, mas que, de qualquer forma, passaram a infância na década de 1930 e compartilharam suas experiências daquele período. São filhos de agricultores ou de laminadores vindos de diversas regiões da Europa, mas que compartilham um mesmo vínculo cultural: a língua alemã.

Entre os imigrantes que compõem o que chamamos de comunidade teuta no ABC encontram-se diferentes nacionalidades que não a alemã, identificados como iugoslavos, romenos, lituanos e húngaros: são os chamados *Donauschwaben*, os suábios. É preciso voltar um pouco na história europeia para entender qual o elo entre esses povos. No século 18, a imperatriz austríaca Maria Thereza deslocou a população de língua alemã que habitava as regiões ribeirinhas do Danúbio para povoar o Império. E, devido às disputas por território que ocorreram desde então, os suábios terminaram por se espalhar em muitos países europeus, como esclarece Aleksander Jovanovic (1993, p. 11):

Trata-se de imigrantes oriundos de diversos países da Europa Central que aqui desembarcaram logo após o final da Primeira Guerra Mundial e que, embora provenientes de países diferentes, portando passaportes e cidadanias distintas, tinham em comum um dialeto da língua alemã que falavam há séculos, além de costumes e tradições afins e uma homogeneidade étnica.

Contudo, conforme definem Borstel, Damke e Rosa (2012), a maioria dos imigrantes falava uma variedade dialetal alemã chamada *Hunsrückisch*, da região do Hunsrück, falada pela maioria dos primeiros imigrantes – mesmo considerando que muitos outros vinham de diversas outras regiões. O contato entre diversas variedades, e mesmo com o idioma português da população local, acabaria por originar o *Brasildeutsch*. Essas

nuances são percebidas, por exemplo, no discurso de Pedro Pilo, brasileiro nascido em 1926, filho de imigrantes, oficialmente, iugoslavos, mas nascidos em uma região outrora pertencente à Áustria:

[O idioma que meus pais falavam era] o alemão. Não o alemão correto. É que nem aqui, o caipira. Eles não falam o português correto. Então eles também não falavam o alemão correto. O alemão da Áustria é diferente do alemão da Alemanha. É alemão também. Mas é uma pronúncia diferente, né? Eles pronunciavam diferente. Que nem aqui, o baiano. Ele fala diferente do que nós aqui [em São Paulo]. Tem muita diferença, né? Então, ali é a mesma coisa (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Esse é o contexto em que se dá o a formação de uma comunidade de cultura germânica no ABC Paulista. Parte de uma leva tardia de imigração, com breves passagens por fazendas em que não se adaptavam e empregos nas indústrias da capital – as mulheres, muitas vezes, trabalhavam como faxineiras em casas de família, costureiras ou manicures.

Diante de tantas variáveis, como, então, considerar a formação de uma noção de identidade comum entre os membros dessa comunidade de cultura germânica no ABC Paulista? Esta é uma questão respondida, parcialmente, pelos próprios personagens entrevistados. O uso da metodologia das Narrativas Oraís de História de Vida (PERZZO, 2015) tem, nesse trabalho, profunda relação com as noções de reconhecimento de si e formação de identidade, tanto do indivíduo como do coletivo. Isto é, espera-se, por meio das histórias de vida narradas pelos colaboradores entrevistados, observar implicitamente estas noções. Para Ricoeur (2006), o reconhecimento da memória se equivale ao reconhecimento de si por meio da pergunta “Quem se lembra?”.

O reconhecimento consiste na resolução efetiva desse enigma da presença da ausência graças à certeza que o acompanha: ‘É ela! É ele!’. O que faz do reconhecimento o ato mnemônico por excelência. (RICOEUR, 2006, p. 137)

Assim, quando se fala em “quem se lembra”, é possível um salto do âmbito do indivíduo para o do coletivo. Michael Pollak (1992) define os elementos constitutivos da memória entre os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles “vividos por tabela”, que são justamente os experimentados pelo grupo ao qual a pessoa sente que pertence.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 201)

E, quando se discutem essas experiências coletivas, que podem chegar a ser tão fortes a ponto de fazer com que o indivíduo não saiba mais se as experimentou realmente ou se são lembranças herdadas, pode-se novamente recorrer a Ricoeur (2006, p. 127):

É sob o signo da associação de ideias que é colocada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar umas delas – portanto imaginar – é evocar a outra – portanto lembrar-se. A memória, reduzida à recordação, opera assim na trilha da imaginação.

As histórias de vida são consideradas como um relato das experiências de cada personagem, não se discutindo valores como precisão de datas, nomes, ou locais. Toma-se a identidade como um sentimento de pertencimento, “construída e modificada constantemente por fatores étnicos, religiosos, políticos, culturais ou sociais, fatores estes que fazem parte da história do ser humano e de sua relação com o outro.” (BORSTEL; DAMKE; ROSA, 2012, p. 8)

Por isso, os personagens da comunidade analisada demonstram uma dupla vivência de sentimentos quanto à constituição de identidades nacionais. Uma hereditária, atrelada à nação dos pais e ao passado (mas sempre presente, pelo paradigma da memória), e outra presente, ligada ao Brasil como terra que recebeu sua família e se fez sua também. Exemplos disso estão na fala de Miguel Zvonimir, nascido em 1924 na região hoje conhecida como Croácia...

Eu sou naturalizado brasileiro, né? Quando eu fui perante o juiz em Santo André, só estava o juiz e a secretária. Eu contei minha vida para ele, e a secretária veio com um livro para mim (sic) escrever e disse: ‘Lê o código brasileiro’. Então o juiz falou: ‘Não precisa não, esse cara é mais brasileiro que nós dois juntos’. (27/11/2007, HiperMemo/USCS)

E no relato de Gertrudes dal Pos, brasileira nascida em 1934, filha de pais austríacos e casada com um descendente de alemães:

[Meu sogro] fazia muita questão que se falasse o idioma alemão, porque ele era da opinião que, do portão pra dentro, se falava a língua dos pais, pra que não se perdesse o vínculo, e, do portão pra fora, se falava a língua do país. E ele honrava muito essa teoria dele, porque ele dizia que aqui ele tinha trabalhado, casado e os filhos deles tinham nascido aqui. Então ele valorizava muito, porque diz que foi a acolhida que deram a ele. A ele e à esposa. (11/12/2008, HiperMemo/USCS)

Nesse contexto, tem-se a comunicação da cultura entendida como fato intrínseco em si mesmo. “A comunicação é percebida, em todo caso, como cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63). Não havendo cultura sem comunicação e vice-versa, esse duo tem participação ativa no acionamento de conceitos como identidade e reconhecimento.

Para essas pessoas, muitas são as identidades que se constroem e desconstroem conforme suas experiências e seus relatos de memória. Entre brasileiros e alemães, croatas, iugoslavos, austríacos, etc., esses personagens da história ora são uns, ora outros, conforme suas manifestações culturais, sempre no espaço urbano da região do ABC Paulista. Dessa forma compõem o cenário local e contribuem para o desenvolvimento regional.

O subúrbio e a apropriação do espaço local

Deixar o país e recomeçar tudo em um lugar desconhecido era uma decisão tomada, fundamentalmente, pela família. Não se deve entender família apenas como aquela constituída por laços consanguíneos. A acepção utilizada se refere a algo mais amplo, estendendo-se à relação familiar, que se forma, também, pela região de origem, pelo casamento, pelo apoio no país de origem e de imigração. (OSMAN, 2006)

É a partir dela [família] que se engendram os projetos de partida, estabelecimento e possível retorno, que se formam as redes sociais e de sociabilidade, que se mantém ou se modificam os padrões culturais do grupo. Além disso, é por meio da família que se evidenciam e se preservam a questão identitária e memória, como um processo conflituoso entre as gerações. (OSMAN, 2006, p. 20)

A história de Luise Babisch demonstra quão tortuosos eram os trajetos que traziam esses imigrantes até a região do ABC. Seu pai veio duas vezes para o Brasil. Da primeira, chegou acompanhado dos pais e irmãos, em 1924. Voltou para a Alemanha e lá se casou, em 1930. Teve dois filhos – Luise nasceu em 1935. O período que passou novamente no país de origem fez com que vivenciasse, infelizmente, o segundo conflito armado. Alguns anos após a Segunda Guerra Mundial, Luise e a família vieram definitivamente para o Brasil.

A gente não é imigrante. Meus avós eram imigrantes. Eles é já estavam morando aqui, eles vieram em 1924. (...) Eu estudei oito anos na Alemanha e vim pro Brasil, em 1950. [Meu pai] não queria mais a Alemanha. Por isso que ele foi embora: a guerra. (21/07/2014, HiperMemo/USCS)

É muito comum perceber na fala dos colaboradores variações das expressões “eu não sou imigrante”, “minha família não veio com a imigração”. Trata-se de um recurso utilizado para distinguir aqueles que viajaram por meio de um programa de incentivo do governo brasileiro e aqueles que, por conta própria, optaram pela mudança.

Foi no século XX que o ABC passou a se tornar o lar para muitas nacionalidades. Isto se deveu, principalmente, ao processo de industrialização da região. A proximidade com a capital atraía as indústrias principalmente pelas possibilidades de boas arrecadações

(AYALA, 2014, p. 114). Ainda de acordo com a autora, em 1890, o Banco União adquire diversas propriedades de colonos nos entornos da linha ferroviária – posterior local de instalação de muitas indústrias. Entre os exemplos célebres, estão a fundação da Cerâmica São Caetano, em 1923, que chegou a empregar 3.500 funcionários e, em 1929, a instalação da General Motors. A possibilidade de emprego na região, a proximidade da capital – facilitada pela presença das estações ferroviárias – e mesmo o baixo custo dos terrenos tornaram a região do ABC particularmente atraente para as famílias imigrantes, quase todas em condições financeiras delicadas. O cenário do subúrbio volta à cena, favorecendo as relações humanas e a atração exercida pelas oportunidades de emprego na escolha do ABC como local de residência. Marta Wachtler conta:

Meus pais souberam que aqui em São Caetano estavam construindo a General Motors e tinha bastante serviço pra marceneiro, pra coisas assim. Então eles resolveram vir pra cá. Vieram pra cá e com a economia que meu pai tinha, eles compraram terreno e fizeram uma casa na rua São Paulo. Mudamos para a casa, que ainda tava toda crua, mas ficamos aqui em São Caetano (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Frida Schmidt também se lembra como foi sua vinda para a região. Seus pais, que trabalhavam e moravam em São Paulo, tomaram um domingo para passear por São Caetano do Sul...

... e, quando iam subindo a rua Amazonas, que não eram calçada, nada, naquele tempo, estavam conversando e saiu um senhor, ele falou “Você é alemão?”, [meu pai] falou “Sim”, e ele falou “Entra aqui um pouco, vamos conversar”. Aí eles gostaram do lugar e já compraram um terreno lá, pertinho da Candelária (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Nesse caso, todo o processo que desencadeou a chegada da família de Frida a São Caetano teve início com um elemento de identificação cultural. Falar alemão foi o bastante para que um casal e um homem, então desconhecidos, imediatamente encontrassem algo em comum.

O relato de Antonio Laefort, por outro lado, destaca o baixo custo dos terrenos no ABC. “Houve a propaganda que São Caetano ainda era um município novo e os terrenos eram baratos. Bem mais em conta do que lá na Lapa e outros lugares!” (11/12/2008, HiperMemo/USCS), ele explica. Por conta disso, tanto a família de seu pai como a de sua mãe – que ainda não eram casados – vieram morar em São Caetano, em terrenos nas ruas General Osório e Senador Vergueiro.

Se, no começo do século XX, o ABC Paulista estava ainda no início do seu processo de desenvolvimento urbano, não é de se estranhar a profusão de lembranças da região como

se fosse “uma cidade do interior, no melhor sentido”, conta Aleksandar Jovanovic (27/08/2014, HiperMemo/USCS). Vale lembrar que, mesmo entre os colaboradores vindos alguns anos mais tarde, já entre os anos 1940 e 1950, as descrições da cidade ainda revelam características bem diferentes das encontradas hoje.

Marta Wachtler conta que, quando se mudou, não havia energia elétrica em sua rua. As ruas, é claro, não eram pavimentadas. E Frida aponta também que os banheiros não lembram em nada os atuais: eram buracos no chão, no fundo dos quintais. Marta Érika, em suas lembranças, é menos romântica. Diz que sonha com Santo André de antigamente até hoje: “As ruas cheias de barro, e ônibus trançando de um lado para outro... Santo André de 1948, você não tem fotografias? É terrível!” (23/09/2011, HiperMemo/USCS).

Outra característica marcante é a boa e próxima relação com a vizinhança estabelecida. Pedro Pilo se recorda da presença de diversos imigrantes: “Todos se davam muito bem. Pra cima [da minha rua] tinha as duas famílias italianas e, mais pra cima, tinha outra família alemã. E pra baixo tinha essa leiteria com uns alemão (sic) também, na [rua] General Osório” (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

A sensação de harmonia é reforçada na fala de Marta Wachtler, que se lembra de brincar, durante a infância, com vizinhas também de outras culturas.

Eu tinha amigas espanholas que moravam na rua Rio de Janeiro. Eu morava na rua São Paulo e atrás era a rua Rio de Janeiro, e minhas amiguinhas que moravam lá eram todas filhas de espanhóis. E tinham outras que moravam na [rua] Osvaldo Cruz, que eram portuguesas! Era uma mistura! A gente se entendia, tudo bem. Brincávamos e sempre juntas, como todas (11/12/2008, HiperMemo/USCS).

As histórias contadas pelos colaboradores demonstram que o fluxo de imigrantes para a região do ABC não fora uniforme, nem em levas numerosas, financiadas por agências colonizadoras, como se dera em vários momentos em outras localidades do Brasil. O contexto migratório é parte da fundação da região, mas as experiências de vida demonstram que hábitos e costumes da cultura alemã estavam imbricados e diluídos nos espaços das cidades, dos bairros, das vilas e das casas, pela região do ABC. Mas, o que se compreende como região do ABC Paulista, nesse momento de presença estrangeira, são os municípios de Santo André, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo, assim aglutinados por conta de sua história compartilhada e seus traços econômicos comuns, como a indústria metalúrgica, notadamente. E se as fronteiras físicas, geograficamente delimitadas, já não constituem características determinantes para uma região, elas se tornam

ainda mais frágeis quando se fala em comunidade formada por aspectos culturais comum, identidades reelaboradas e memórias construídas nas lembranças individuais.

Cotidiano e comunidade: a escola como espaço de cultura e comunicação

A língua parece então sempre surgir como elemento atuante na constituição dos laços comunitários entre os imigrantes entrevistados. A manutenção da língua no seio familiar e como ponto de identificação entre indivíduos não impossibilitava nesta comunidade a mistura e o convívio pacífico entre pessoas de diferentes origens. O relato de Marta Wachtler, nascida em 1922 na Lituânia e chegada ainda criança no Brasil, traz cenas desse cotidiano:

Nós tínhamos amizades com todas as pessoas. Lá onde nós morávamos [hoje município de São Caetano do Sul], tinha muitos estrangeiros. Tinha russos, tinha poloneses, tinha lituanos. Então a gente se entendia com todos, não tinha esses preconceitos, de raça, de coisa, de Alemanha, porque sempre o alemão é considerado ruim e tal, mas é o contrário. A gente se dava bem com todos. (...) [As pessoas] falavam brasileiro e a gente se entendia, tudo bem. Brincávamos e sempre juntas, como todas. (...) Tinha as minhas amigas da escola, que eram descendentes de alemães, que eram iugoslavos, e húngaros, e tudo. E tinha esses, amigos espanhóis, tinha amigas portuguesas e tudo. Tinha de toda raça! Russa, eu tinha amiga russa... Até aprendi um pouco a falar russo, que eu vivia na casa deles e eles na minha casa. Elas aprenderam alemão e eu russo, porque os pais dela falavam só russo, e os meus pais só falavam alemão. Então quando ia na casa do outro, a gente acabava aprendendo a língua deles, né? (11/12/2008, HiperMemo/USCS)

Note-se na fala de Marta a presença da escola. Esta é, de fato, elemento de grande importância para a manutenção da língua alemã no Brasil. Na região do ABC Paulista, sabe-se de pelo menos duas escolas que ensinavam o idioma alemão e propagavam outros elementos da cultura germânica, funcionaram nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul na década de 1930. Contudo, é notável a presença de escolas alemãs por todo o país. Andrea Helena Rahmeier Petry (2009) analisa um documento datado de 1935, produzido pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, que aponta a existência de 1.260 escolas alemãs no Brasil, onde estudavam cerca de 50.000 alunos – incluindo descendentes de imigrantes e nativos.

Entre os colaboradores desta pesquisa estão ex-alunos destas duas escolas. Miguel Zvonimir frequentou a Associação Escolar em Santo André, enquanto Antonio Laefort Filho, Frida Schmidt, Marta Wachtler e Pedro Josefino Pilo foram estudantes da *Johannes Keller Schule*, em São Caetano do Sul. Os relatos apontam para uma intensa participação da comunidade na criação e manutenção da escola. Os pais carpinavam o terreno para a prática de esportes, construía salas de aula e, aos finais de semana, utilizavam o espaço para jogar

cartas. A criação da *Johannes Keller Schule* é concomitante à criação da União Cultural de São Caetano do Sul, também conhecido como clube Teuto.

Quando começaram a fazer esse clube, o Teuto, os outros que queriam fazer a escola. Era uma outra parte dos pais que queria fazer escola. Em 1929, começou o Teuto e no fim de 29 pra 30, se reuniram esses outros pais e fundaram a escola. E onde fizeram a escola, era uma casa antigamente. Tinha esse terreno ao lado onde depois nós construímos o clube (Antonio Laefort Filho, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Os alunos usavam uniforme branco e azul: shorts para os meninos mais novos, calças para os mais velhos e saias para as meninas. O material escolar era, muitas vezes, trocado e reaproveitado entre os próprios alunos.

A escola alemã era paga, naquele tempo. Dez mil réis por mês. Tínhamos aula o dia todo. Tinha aula de manhã – ou português ou alemão, que sempre foi, português e alemão. E aí à tarde havia ginástica, que sempre foi assim uma coisa extraordinária porque não se usava, não se conhecia. Essas aulas eram à tarde. Trabalho manual, isso era à tarde. Então praticamente a gente tinha aula de manhã e à tarde (Frida Schmidt, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Com maior ou menor participação de pessoas, o fato é que a comunidade de imigrantes na região do ABC soube criar seus espaços e expressar sua cultura. O clube Teuto, a União Cultural de São Caetano do Sul, *Johannes Keller Schule* e outras instituições não abordadas aqui, como a Sociedade São Miguel (católica) e Igreja Luterana, ainda em exercício de atividades, demonstra - não apenas - a existência material dessa comunidade, demonstra também sua organização que se dá pelos sentimentos de identidade e pertencimento mediados pela língua alemã.

O idioma, propagado por meio da escola, de associações culturais, no seio familiar ou mesmo no convívio da vizinhança, desempenha papel na constituição de vínculos de amizade, de casamentos e mesmo profissionais. Não raro, as narrativas dos imigrantes e seus descendentes indicam casamentos entre pessoas da mesma comunidade e vínculos de trabalho privilegiados pelo idioma compartilhado. Borstel, Damke e Rosa (2012, p. 4) atentam ainda para o fato que “passados quase 200 anos da imigração alemã no Brasil, ainda hoje a língua de seus antepassados, considerada como língua de herança, é falada em várias regiões do Brasil (...)”, o que é, novamente, comprovado pelas narrativas dos personagens apresentados neste artigo. Miguel Zvonimir revela, além da herança cultural, ainda outro pensamento sobre a transmissão da língua para seus descendentes:

[Minhas filhas] Falam alemão. O meu neto fala, mas a pequena estamos ensinando. Português e alemão, estamos ensinando. Isso porque o alemão também é muito importante no mundo de hoje (27/11/2007, HiperMemo/USCS).

Considerações finais

Alemanha, Áustria, Croácia, Hungria, Iugoslávia... É notável a diversidade de nacionalidades que formaram o que chamou-se aqui de comunidade de cultura germânica no ABC Paulista. Não bastassem as muitas origens, as pessoas são também moradoras de diversas localidades em São Caetano do Sul, Santo André, São Bernardo do Campo, não delimitando geograficamente um espaço definido na região.

No caso de boa parte das pessoas pertencentes a essa comunidade no ABC Paulista, suas nacionalidades, muitas vezes, não passam de carimbos no passaporte.

Não se pode dizer, contudo, que tenha havido um movimento imigratório diretamente da Europa para o ABC Paulista. A principal motivação, na maioria das vezes, era a capital São Paulo. Porém, do início a meados do século XX, as cidades do ABC experimentavam também profundas mudanças. Os processos de industrialização e de urbanização estavam apenas começando, o que resultou numa combinação especial de oportunidade de emprego e compra de terrenos mais baratos que na capital paulista – São Paulo estava, aliás, a poucas estações de trem dessa região. A proximidade também garantia pontos extras. Todo esse cenário se mostrou particularmente atraente para as famílias imigrantes, vindas em situação de fragilidade financeira, com o sonho de recomeçar a vida.

As narrativas apresentadas ao longo deste texto apontam para um reforço na associação da preservação da língua como fator de identificação cultural e preservação dos laços de comunidade e de identidade. O falar alemão ganha destaque nas Narrativas Orais de Histórias de Vida das pessoas entrevistadas. Trata-se de um reconhecimento de semelhante entre o eu e o outro praticamente instantâneo. Quer dizer, a partir da identificação, da empatia começam a se desenvolver os sinais externos, perceptíveis da existência de uma comunidade. A partir daí criam-se vínculos visíveis externamente, como a concentração de algumas famílias em determinados bairros, por exemplo, com maior concentração da comunidade germânica na Vila Paula, em São Caetano do Sul (atual Santa Paula).

As escolas alemãs em São Caetano do Sul e Santo André atenderam os filhos dos imigrantes na região como um sinal da importância do idioma para manter forte a identificação entre essa comunidade que não se unia pela nacionalidade, mas pela cultura em comum. Nos anos 1930, surgiram clubes recreativos como o Teuto, e também o antigo Harmonia, em Santo André que, ao promoverem o espaço de reunião, o ponto de encontro, promovem a sociabilidade desses grupos.

A vida social (nas escolas e em associações recreativas) somou-se à preservação da língua como meio de comunicação pessoal e referência identitária. Esses estrangeiros e descendentes, de diferentes nacionalidades, mas de cultura germânica na origem, constituíram na região do ABC uma comunidade cultural. Ocuparam os espaços, trabalham para o desenvolvimento local, existiram física e simbolicamente.

Portanto, o que se conclui dessa pesquisa é que o caráter comunicativo da memória, expresso pelas narrativas orais das pessoas, a partir de suas lembranças sobre suas experiências, vivências, sentidos e sentimentos, (re)colocam as pessoas nos seus mundos, no seu cotidiano, fazendo da comunicação o meio e a mediação para atingir o reconhecimento social e o desenvolvimento do local.

REFERÊNCIAS

AYALA, L. C. D. O. **Babel nas terras alagadiças**: revista Raízes, migrações e memórias em São Caetano do Sul. 2014. Tese de doutorado. Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BORSTEL; DAMKE; ROSA. Língua/cultura como fator de pertencimento identitário. **Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem**, São Carlos, n. 19, pp. 1 – 12, jul/set 2012.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In: **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 141 -157.

JOVANOVIC, Aleksander. Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano. In: **Revista Raízes**. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, nº 9, julho de 1993, ano 5, pp. 11 – 18.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis (ORG). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**. Vida Cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

OSMAN, S. A. **Entre o Líbano e o Brasil**: Dinâmica migratória e História Oral de Vida. 2006. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

PETRY, Andrea Helena Rahmeier. **Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)**. 2009. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PERAZZO, Priscila F. Narrativas Orais de Histórias de Vida. In: **Comunicação & Inovação**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RICOUER, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Imigrantes Alemães e o Brasil Caboclo: Memória, Identidade e Política Nacional no Brasil. **ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza: [s.n.]. 2009.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. **Uma São Paulo alemã: Vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827 -1889)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

Fontes Orais

Antonio Laefort Filho, gravado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

Frida Schmidt, gravada na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

Gertrudes Dal Pos, gravada na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

Luise Babisch, gravada em sua própria residência. Santo André, 21/07/2014, HiperMemo/USCS.

Marta Erika Hölsel, gravada em sua própria residência. Santo André, 23/09/2011, HiperMemo/USCS.

Marta Wachtler, gravada na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

Miguel Zvonimir Krouman, gravado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 27/11/2007, HiperMemo/USCS.

Pedro Josefino Pilo, gravado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

Vojislav Aleksandar Jovanovic, gravado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 27/08/2014, HiperMemo/USCS.